

Quando o tecido escapa: cartas

Nara Cristina Nunes de Rezende & Caetano Tavares de Almeida Gontijo

1.

Texto de cal

não haver uma dúvida era o desespero que vinha com o dia: como negar esta nuvem que quebra o espaço, vestida de um corpo, vestido (de estar assim) doente, lance tão livre e abrasador começo doutro prazer – onde cobre-se um ramo? o amor se desvia de sua única tormenta – a lhe cobrir a existência, uma nuvem que se foi, deveras. para ensinar toda a obra do dia, o que iria estourar entre as vozes distintas, não pôde se esquecer do engano e uma voz, sem corpo para dar, foi o modo sutil de não perceber que desaparecia, calado.

ainda que não fosse por esse (através do qual primeiro me identifico na realidade), a escolha de se perder,
seria a sua vinda, distante, a única busca possível, encontro de encontros, estendida em vaga na película sempre presente do horizonte?

silêncio. silêncio

então

fiz algumas perguntas à primeira claridade que encontrei no dia,

encarando,

ainda firme

a sua passagem:

é adiável o que não se diz? tem espessura de tempo?*

a existência que se abre na palavra que nos recusamos, absolutos ou distraídos, é aí que a vida se encerra?

* (perto as plantas fazem as horas)

O dia principiou a colher as gotas que não atravessaram a margem do olho, como testemunha e insônia do seu primeiro texto.

(o texto está se quebrando)

o amor e seus infernos só pôde caber na dedicatória de um livro, agora fechado, por trazer a face com que você se abre ao mais duro da lua, sem nunca saber o que irá no retorno do que acreditava ser.

/trave/

Trocar de mundo é nunca morrer no seu caminho? – seguiu-se o curso das perguntas. (“não. exatamente isto é o que pode, único, o mundo”).

E morrer no seu caminho, o que poderá dizer aos amantes que acreditaram na possibilidade de esconder-se?

/trave/

o que é uma pergunta?

onde faz uma pergunta?

eu fui uma pergunta?

/trave/

e agora, que é depois:

é plausível perguntar pelo que sou (pelo que deixei)

ou pelo que ainda sou?

é sustentável _____

/trave/

acreditava poder morrer no seu caminho

e agora

não sei o que fazer com esta frase.

lá fora murmuram as penas,

e o que seria se pudesse não ouvir sua voz, tomando-se,

no primeiro rasgo veloz,
do próprio caroço
ou destroço.

(a continuar é preciso abrir – lá fora – o que aqui
não
respira)

2.

Um corpo vestido de estar assim doente,

é a frase que principia por levantar veloz uma pergunta. Mas a voz que sustenta a dúvida se cala antes mesmo de qualquer sinal que a responda. Corpo vestido inicia-se pela descoberta do mundo.

É o silêncio do qual falei, e desconfio que pronunciamos a mesma língua: afinal, por qual orifício vestido do corpo, devemos inaugurar a entrada? Disse assim, não com tais palavras, numa manhã chuvosa, mirando o olhar no esporte dos homens, cortar a lenha, fazer o fogo, pôr a casa a funcionar, acolhedora. Nessa casa rodeada de lama e chuva, iniciamos um diálogo feito de breves percepções do dia que se fazia, demorado e largo. “Por qual orifício vestido do corpo, podemos inaugurar a entrada”? Os homens com suas atividades de rodar o dia reverberavam trocadilhos bordados com linha grossa: chuva, estrada, casa. Havia também as mulheres com suas outras ocupações menos esportivas, um tanto melancólicas, que se faziam apenas de dúvidas vagas e suspensas _ eles diriam apressados “as perguntas das mulheres estão mais próximas do solo, pesadas, fingindo-se de pressentimento” _ as mulheres responderiam em coro agudo, “apontamentos anteriores ao sentir, o que se faz do pressentimento”. Tive sim um pressentimento de que ali se iniciava um novo vestido para os dias que viriam, os anos próximos, e para os novos corpos que se formavam . Sim, *é plausível responder*, diria a ele, antes mesmo da pergunta inicial que se fez com o nascer do dia, “sinto que este movimento me devolve aos poucos à escrita”, também aos poucos se esvai um leve constrangimento, sensação de me apropriar do texto querido e precioso do outro que me acolhe. É este o movimento que respira através da escrita. Poderá talvez um dia por um *desvio fortuito e admirável* crescer palpável para a vida de fora, material e simples.

3.

Sexo e cal

da cal das paredes um nome escrito a seu favor. como vento que passasse dando estalo à brasa, vento passando dando à pele a queima, brasa de letras donde se retira a terra e se constrói o teu olhar. quando o tecido escapa, uma maravilha.

A casa foi construída com os sonhos fortes que preenchiam os braços, a dois dos homens; e abriga a sensualidade de sono forte, depois, a dois, das mulheres, onde o pensamento, em vãos, tenta cercar ou perder o amor

chuva

dentro da casa, cercado das madeiras onde o fogo fez seu rumo, um disparo

quantos olhares se disparam, sendo um cometa que corresse à frente do orgulho, do soluço, pondo diante da força, em desvio, a obra sensual das noites; a casa está sendo construída pela vaga da mulher e do homem que a procuram, e está sendo derrotada, irá cair no fim da luminosidade, condição necessária para a corrida do cometa; à noite, o fio da escrita da mulher enquanto o homem corre – e pára, ao vê-la, rastro fulgurante da estrela que caíra, sentido total e inapreensível que passa, deixando um rosto em maravilha

dentro da casa, cercadas de madeira onde o fogo esconde o úmido, duas palavras, donde pende uma terceira:

esta sombra ou teu nome nas paredes diz o rumo onde colher da terra a pele descoberta; onde retirar a doença, um pensamento rachado, para desdobrar teu fluxo.

4.

“Esta sombra ou teu nome nas paredes diz o rumo onde colher da terra a pele descoberta; onde retirar a doença.”

Como tem sido ultimamente esperar suas cartas: a favor do vento, num ponto que se estende exterior, em maravilha. Na última carta senti o tom sincopado e estranho cheio das habituais delícias de acontecimentos.

Que se retire o cheiro que se faz nos corpos doentes ou qualquer rastro de melancolia, que se conduza este cheiro de febre para a porta da frente, aberta, par em par. Na direção oblíqua e perigosa de terra hostil e seca podemos guiá-lo para que não retorne à casa. Tenho aprendido com você a conduzir tudo o que não é resto e essencial para o ar de fora. Que ensinamento é esse que me estende. Que mãos. Feito de matéria. Tocável.

É sim espécie rara e preciosa de ensinamento, pois cresce em movimentos lentos e descontínuos, talvez entenda agora o que no início se mostrou inteiro feito enxurrada única e aos poucos, tomando forma orgânica e calma de rio largo; construiu-se nele um diálogo capaz de levantar questões “em vagas”, capaz de formar corpos e vozes que se entendem disfarçados em letra ou música puramente instrumental.